



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC II
CURSO DE LETRAS**

CAMILA ALVES MENEZES

A orientação argumento-discursiva nos provérbios

CAMPINA GRANDE – PB
2011

CAMILA ALVES MENEZES

A orientação argumento-discursiva nos provérbios

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Simone Dália de Gusmão Aranha

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M543o Menezes, Camila Alves.
A orientação argumento-discursiva nos provérbios
[manuscrito] / Camila Alves Menezes – 2011.
43 f..

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2011
“Orientação: Profa. Dra Simone Dália de Gusmão
Aranha, Departamento de Letras e Artes”.

1. Provérbios. 2. Gênero discursivo. 3. Gêneros
argumentativos. I. Título.

21. ed. CDD 398.9

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC II
CURSO DE LETRAS

**A orientação argumento-discursiva nos
provérbios**

CAMILA ALVES MENEZES

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduação.

Aprovada em 12 /12 /2011.

Simone Dália de Gusmão Aranha Nota: 10,0
Profª Drª. Simone Dália de Gusmão Aranha
Orientadora

Dalva Lobão Assis. Nota: 10,0
Prof. Ms. Dalva Lobão Assis
Examinadora

Roberta Soares Paiva Nota: 10,0
Prof. Ms. Roberta Soares Paiva
Examinadora

Ao meu amado pai, que permanece vivo em meu coração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu melhor amigo, que me sustentou em Sua infinita misericórdia nos momentos mais difíceis no decorrer da minha formação.

À minha mãe, meu maior presente divino, que me ensinou desde pequena os valores da vida, a buscar meus sonhos com garra e determinação, por estar presente nos bons e nos difíceis momentos que enfrentei ao longo desses quatro anos.

À professora Simone Dália, pelos grandes ensinamentos ao longo do projeto que originou esta pesquisa, pela paciência dedicada a mim nos momentos que me faltaram maturidade na elaboração do nosso projeto. Sua orientação foi essencial para o meu amadurecimento como pesquisadora.

À minha grande amiga, Aleise Guimarães, que sempre me ofereceu apoio no decorrer do curso e fora da Universidade. Pela paciência em atender as minhas ligações para discutirmos várias questões. Suas palavras de apoio me ajudaram em muitos momentos nessa caminhada.

A todos os professores do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba que cooperaram para minha formação.

A estes citados e aos outros que, direta ou indiretamente, colaboraram com a minha formação, deixo as minhas gratas palavras: muito obrigada.

Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser
Todo verbo é livre para ser direto ou indireto
Nenhum predicado será prejudicado
Nem tampouco a frase, nem a crase
Nem a vírgula e ponto final
Afinal, a má gramática da vida
Nos põe entre pausas
Entre vírgulas

RESUMO

Revelando valores morais de uma sociedade, os provérbios são transmitidos de geração em geração através da oralidade, perpetuando-se no decorrer do tempo através da memória coletiva. Expressões relativamente curtas e ricas em efeitos estilísticos, este gênero discursivo é capaz de polemizar comportamentos e padrões sociais de forma irônica e sutil, mas essencialmente argumentativa. Deste modo, o objetivo desta pesquisa concentra-se, basicamente, na investigação do gênero discursivo “provérbio” considerando a discursividade proveniente dos operadores argumentativos presentes no gênero citado. Mais precisamente, a orientação discursivo-argumentativa advinda dos operadores “mais...do que” e “mas” que compõem a estrutura de determinados dos provérbios. Para tanto, a coleta do corpus se deu a partir de obras destinadas a coletâneas de tal gênero, tais como Pinto (2000) e Teixeira (2004). Com base nos princípios teórico-metodológicos da Teoria bakhtiniana de Gêneros, da Semântica Argumentativa e da Análise do Discurso de base francesa, observamos que os operadores estudados mobilizam argumentos que os fundamentam, ativando discursos que estão no seio social. Assim, o modo como se organiza o dizer nos provérbios, estruturalmente falando, foi de fundamental importância para compreendermos o processo de funcionamento deste gênero, uma vez que por meio dele tivemos acesso a aspectos de natureza discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Provérbios, Operadores argumentativos, discursividade.

A B S T R A C T

In revealing moral values of society, proverbs are taught from generation to generation by means of oral transmission, perpetuating their characteristics as time goes by through collective memory. They are relatively short and rich expressions in stylistic effects. This discursive genre is able to turn behaviors and social patterns into polemical issues in a very ironic and subtle way, however, they are essentially argumentative. Thus, the aim of this research is concentrated, basically, in the investigation of the discursive genre “proverb” by considering the discourse that derive from the argumentative operators in the aforementioned genre. Precisely, the argumentative-discursive guidance that comes from the operators “mais...do que” and “mas” which comprise the structure of determined proverbs. For this purpose, the gathering of the corpus became possible from the works related to the collection of such genre such as Pinto (2000) and Teixeira (2004). Based on the theoretical-methodological principles of Bakhtin’s theory of genres, of argumentative semantic and of the French-based discourse analysis, we observed that the studied operators mobilize arguments that ground them, by activating discourses inside the social environment. Thus, the manner how the expressions in the proverbs are organized, structurally speaking, was very important for us to understand the process of operation of this genre, since the fact that it was by means of it we had access to discursive aspects.

KEYWORDS: Proverbs, Argumentative operators, Discourse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. Fundamentação teórica	12
1.1 Os provérbios como gênero discursivo	12
1.1. Argumentação e discurso	15
1.2. Sobre a memória coletiva	20
1.3. A noção de operadores argumentativos	23
2. Análise de dados	28
2.1. Provérbios com a expressão comparativa “mais... do que”	28
2.2. Provérbios com o operador “mas”	30
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
5. ANEXOS	37

INTRODUÇÃO

Representante da cultura popular, os provérbios são um gênero discursivo milenar que perpetuam os saberes dos povos através da tradição oral. Sua estrutura linguística, relativamente curta e rica em efeitos estilísticos, facilita uma rápida memorização, o que colabora para a circulação e permanência na memória coletiva.

Comprovando que “tamanho não é documento”, os provérbios carregam em suas poucas palavras uma forte carga argumentativa, uma vez que seus argumentos são admitidos como “verdades” pela coletividade. Deste modo, os falantes os utilizam, como uma espécie de álibi para convencer seus interlocutores e isso se dá devido ao caráter didático do gênero: os provérbios podem ser utilizados para exortar valores sociais e, assim, aconselhar os sujeitos a tomarem certas posturas perante as situações vivenciadas no seu dia a dia.

Embora evidentemente forte, há uma sutileza singular na argumentação presente no gênero em questão, o que colabora para que os sujeitos aceitem a argumentação sem se sentirem coagidos pelas “lições de vida” empregadas nos provérbios. Ainda em relação à argumentação, a presença de determinados elementos linguísticos que compõem a estrutura do gênero reforçam ainda mais o efeito moralizador dos provérbios.

Nessa perspectiva, esta pesquisa versará sobre a análise dos provérbios, voltando para a seguinte problemática: “Qual a implicação discursiva dos operadores argumentativos presentes nos provérbios?”. Tendo por objetivo: Investigar a orientação argumento-discursiva advinda dos operadores “mais...do que” e “mas” compõem a estrutura de determinados dos provérbios

Para isto, foram fundamentais os princípios teórico-metodológicos da Semântica Argumentativa, que se apóia na tese de que a língua é essencialmente argumentativa; da Análise de Discurso de base francesa, que considera o discurso como efeito de sentidos entre os sujeitos, e da Teoria bakhtiniana de Gêneros, que associa os gêneros discursivos às diversas esferas sociais.

É importante destacar que esta monografia consiste em um recorte da pesquisa “A argumentação em provérbios: Ações de linguagem no dizer popular”¹,

¹ Esta pesquisa, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Simone Dália de Gusmão Aranha, obteve o prêmio UEPB de Iniciação Científica, na área de Linguística, Letras e Artes, concorrendo com todos os campos, no II Congresso de

vinculada ao PIBIC/CNPq/UEPB, cujo *corpus* totaliza cerca de 180 enunciados proverbiais, coletados através de uma pesquisa bibliográfica ocorrida no período de agosto de 2009 a setembro de 2010. O objetivo desta pesquisa foi investigar os atos (diretos e indiretos) de fala presentes no gênero, considerando o seu processo semântico discursivo. Esse *corpus* foi segmentado por meio de temáticas, a saber: Sabedoria, Esperteza, Justiça, Amizade, Religiosidade entre outras.

Para esta monografia, não segmentamos o *corpus* em temáticas, mas em duas categorias de análise. Isto porque dentre este *corpus* amplo, duas estruturas proverbiais nos chamaram a atenção para análise: “mais x do que y” e “x mas y”. Assim, nosso *corpus* consiste em 10 provérbios, subdivididos em duas categorias: Provérbios estruturados com a expressão comparativa “mais X do que Y” e provérbios que contenham a conjunção adversativa “mas” na sua estrutura composicional.

Esta monografia é de abordagem quanti-qualitativo e consiste em uma pesquisa bibliográfica. Gonsalves (2001, p. 68) afirma que, ao utilizar dados quanti-qualitativos, “cabe ao pesquisador esforçar-se para ampliar o conjunto de materiais disponíveis para dar conta de um entendimento amplo sobre seu problema”. Severino (1941, p. 122), por sua vez, afirma que uma pesquisa bibliográfica “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, sem documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”

O interesse em analisar os provérbios originou-se pela sua capacidade de polemizar comportamentos e padrões sociais de forma irônica e sutil, embora haja um descrédito por parte de muitos estudiosos devido à sua ligação com a sabedoria popular, vista como “inferior” em relação ao conhecimento científico. Deste modo, acreditamos que nosso trabalho será de fundamental importância para desconstruir esse conceito, comprovando, assim, que gêneros pertencentes à cultura popular possuem um complexo processo de funcionamento.

Para desenvolvermos esta pesquisa, dividimos esta monografia em cinco capítulos, além da introdução e da conclusão. No primeiro, são discutidas algumas noções fundamentais para a compreensão dos gêneros discursivos e do seu vínculo com as sociedades. O segundo capítulo, tratamos das noções de argumentação e discurso, no qual foram imprescindíveis os seguintes conceitos-chave:

argumentação, discurso, formação discursiva e formação ideológica. No terceiro capítulo, é discutido o conceito de memória coletiva e sua importância para o funcionamento dos provérbios. No quarto capítulo, tratamos dos operadores argumentativos e o quinto e último capítulo refere-se à análise do *corpus*.

1. OS PROVÉRBIOS COMO GÊNERO DISCURSIVO

Todas as relações sociais são subsidiadas pelo uso da linguagem. É através desta que os indivíduos agem sobre o mundo que os cerca, modificando-o. Embora a maioria das sociedades seja essencialmente grafocêntricas e por isso atribua relevância à linguagem escrita, os gêneros pertencentes à modalidade oral têm papel preponderante na vida social. Isto porque os indivíduos utilizam em maior recorrência a modalidade oral nas atividades sociais diversas: ao conversar ao expressar opiniões, ao contar algum acontecimento, ao pedir, ao ordenar, ao elogiar, ao insultar, ao perguntar, ao orientar, ao criticar, ao permitir.

A noção de gênero vem sendo discutida desde os tempos da Grécia Antiga por Aristóteles e Platão. Nesta perspectiva, os estudos sobre gênero eram estudados apenas no âmbito literário, definido em aspectos formais e estruturais e dividido nas seguintes categorias: épico, lírico e dramático. No entanto, esta definição foi reelaborada e ampliada por Bakhtin (2003), porque este autor inova ao afirmar que a prosa também é uma esfera produtiva de gêneros e não apenas o âmbito poético, além de observar os gêneros não apenas por seus aspectos formais, mas, principalmente, por suas características sócio-comunicativas.

O uso efetivo da língua, segundo este autor (idem, p. 265), se dá por enunciados (orais e/ou escritos), sem os quais, não há comunicação: “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.” Assim, na visão bakhtiniana, o enunciado é observado a partir de aspectos essencialmente sociais, uma vez que pressupõe interação.

É nesta concepção de enunciado e língua que ele concebe os gêneros discursivos. Para Bakhtin, (2003, p. 262) “Cada campo de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Assim como são múltiplas as atividades comunicativas, também o são os gêneros discursivos, porque cada esfera social tem seu “repertório” de gêneros, que por sua vez, desenvolvem e se modificam conforme as necessidades sociais de cada campo. Todo gênero (idem, p. 261) reflete as condições e finalidades de sua esfera social através do conteúdo (trata-se da temática), do estilo (faz referências a recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e da sua construção composicional (está voltada para a organização do gênero).

Dentre a variedade de gêneros existentes na sociedade, esse autor os divide em duas categorias: a) Gêneros Primários- considerados simples, pois pertencem à esfera de comunicação verbal espontânea como a conversa, b) Gêneros Secundários- gêneros voltados para a escrita, que aparecem em circunstâncias de comunicação mais complexa como os textos jornalísticos e acadêmicos.

Toda atividade comunicativa é realizada por intermédio dos gêneros discursivos, ainda que os falantes não tenham ciência disto. Marcuschi (2007, p. 22) afirma que “os gêneros se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”. Diante disto, podemos afirmar que os gêneros discursivos são entidades organizadoras das ações sociais e atendem às necessidades sócio-culturais. Esse autor (idem, p. 29), ainda afirma que os gêneros “[...] operam, em certos contextos, como forma de legitimação discursiva, já que situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além de justificativa individual”.

Gêneros discursivos e práticas sociais são conceitos essencialmente ligados, não podendo desvinculá-los, pois um dá suporte para que o outro se estabeleça. Dentre os inúmeros gêneros existentes, selecionamos o gênero provérbio para estudá-lo em sua complexidade. Neste gênero, podemos observar a “legitimação discursiva” a qual Marcuschi se refere acima, haja vista que, ao utilizar um provérbio, o falante evoca a voz da coletividade, que comprova o peso argumentativo, justificando assim, seu discurso.

Os provérbios são um gênero discursivo milenar que até os dias atuais tem representação na cultura popular por perpetuar a tradição e os conhecimentos dos povos através da oralidade. Ricos em efeitos estilísticos, os provérbios são facilmente memorizáveis, o que facilita a circulação entre os povos.

Por serem respaldados na sabedoria popular, os provérbios têm uma grande carga argumentativa, uma vez que seus argumentos são admitidos como verdadeiros pela coletividade. Deste modo, os falantes os utilizam como uma espécie de “álibi” para convencer o interlocutor. Isto se dá devido ao caráter didático do gênero: os provérbios podem ser utilizados para ensinar, exortar, aconselhar os interlocutores a tomarem certa postura em determinada situação.

Teixeira (2004, p. 09) define os provérbios como “[...] sentenças que expressam de forma concisa, verdade e conhecimentos gerados pela experiência

popular”. Pinto (2000, p. 13), assim como Teixeira, afirma que os provérbios são de criação popular, no entanto, difere provérbios de ditos populares, afirmando que embora sejam usados como sinônimos, os ditos populares têm nome e sobrenome, isto é, a sua origem é conhecida. Exemplo disso é “Quem não se comunica, se trumbica” criado pelo apresentador Chacrinha e também alguns provérbios bíblicos como “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Deste modo, Pinto (idem) os denomina de “provérbios ou ditados de autor” ainda que esse autor não seja lembrado no momento da enunciação.

A origem dos provérbios é uma questão polêmica, pois alguns autores afirmam que é de origem popular, mas, outros como Santos (2007, p. 20) baseada nos estudos de Jolles (1930) questiona que os provérbios sejam de criação popular:

Os provérbios, ao contrário do que se pensa, não seriam originados ‘misteriosamente’ do fundo da alma popular, porque o “povo nada cria na sua totalidade”. Alguém em algum lugar, em algum momento cria! E, se sua criação agrada aos que a ouviram, será propagada, ainda que certamente sofra múltiplas reformulações.

Para Santos (idem), os provérbios apesar de serem utilizados pela sociedade, são de criação individual e, por compartilharem as mesmas ideologias, agradam e passam a ser utilizados pelo restante da população.

Como outros gêneros discursivos, os provérbios devem ser utilizados de modo coerente com a situação vivenciada, haja vista que, como forma de argumentação, só surtirão o efeito desejado se forem empregados de acordo com a circunstância apropriada. Se a situação for sobre perseverança, o provérbio “Na terra de cego quem tem um olho é rei” não surtirá o efeito de sentido desejado, pois não se adéqua à ocasião.

Cada sociedade possui um acervo de provérbios e estes, por sua vez, denunciam as ideologias daquele povo, o que não impede de os provérbios se “locomoverem” para diferentes regiões. Para Teixeira (2004, p. 11) uma das características dos provérbios é “a universalidade de suas mensagens”, pois é possível encontrarmos o mesmo provérbio em diferentes línguas. Deste modo, o autor acredita que a “nacionalidade” dos provérbios “não deve ser levada muito a sério”. Já Pinto (2000, p. 11) acredita que, embora haja muitos provérbios que ultrapassem fronteiras territoriais, há também provérbios que são restritos a

determinadas regiões, “não fazendo sentido em outro país”, como “Mineiro dorme no chão para não cair da cama” no qual é revelada a “fama” de precavido dos mineiros. Neste provérbio, há a imagem construída historicamente de que os mineiros são desconfiados.

Conforme mencionamos anteriormente, os provérbios, como gêneros do discurso, caracterizam-se pelo estilo, construção composicional e conteúdo (Bakhtin, 2003). A título de exemplo, podemos citar o provérbio “uma andorinha só não faz verão” que em relação ao estilo caracteriza-se por sua linguagem simples, linguagem coloquial, sem rebuscamentos. No que se refere à construção composicional, este provérbio é constituído de uma estrutura sintática curta e, embora muitos provérbios contenham rimas, não é o caso deste exemplo. Em relação ao conteúdo, a temática abordada neste provérbio é a união, pois o argumento deste provérbio consiste em afirmar que um indivíduo sozinho não é capaz de realizar grandes ações, pois, para realizá-las é preciso a cooperação de outros indivíduos.

Acerca das temáticas proverbiais, Pinto (2000, p.12) afirma que algumas temáticas são mais recorrentes do que outras, a saber: “Deus, amor, amizade, mulher, água e dinheiro, entre outros [...]”. De acordo com essa autora, as temáticas mais frequentes são as que ocupam maior importância na vida dos indivíduos, o que conseqüentemente as fazem cabíveis em qualquer situação comunicativa. Essas características presentes neste gênero são essenciais para que os indivíduos os identifiquem como provérbios.

1.1 ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO

A utilização da argumentação através da linguagem para alcançar objetivos sobre o interlocutor não é uma prática atual, pois na Grécia Antiga já havia a preocupação de dominar o discurso verbal perante a população. Diante do contexto político-social, com o surgimento da democracia, os sofistas e tribunos iam às praças públicas defenderem suas “verdades”, tentando convencer o público a aderir suas idéias e para isto utilizavam as técnicas de argumentação ensinadas pela Retórica. A Retórica era uma disciplina responsável pelas normas da argumentação

e através dela aprendia-se não apenas a falar, mas ao “bem falar” de modo convincente e elegante.

Filósofos como Sócrates e Platão fizeram considerações sobre esta disciplina, mas foi com Aristóteles, no livro “A Arte Retórica”, que a estrutura do discurso foi desmembrada detalhadamente, apresentando um conjunto de regras e normas para a composição de textos argumentativos. Citelli (2007, p. 10) afirma que:

A arte Retórica tem, para Aristóteles, algo de ciência, ou seja, um *corpus* com determinado objeto e um método verificativo dos passos seguidos para se produzir persuasão. Assim sendo, caberia a retórica não assumir uma atitude ética, dado que seu objetivo não é o de saber se algo é ou não verdadeiro, mas sim analítica- cabe a ela verificar quais os mecanismos utilizados para se fazer algo ganhar a dimensão de verdade.

Deste modo, não era do domínio da Retórica envolver-se com os critérios de verdade do discurso, mas sim, aplicar os mecanismos argumentativos para que o discurso adquirisse dimensão de verdade diante dos interlocutores. É relevante salientar que a Retórica não é sinônimo de persuasão, mas, um conjunto de códigos utilizados para alcançar a persuasão.

A Retórica concebe a argumentação através de regras que organizam o discurso para alcançar a adesão das idéias apresentadas. Se para a Retórica, a argumentação se dá por meio de técnicas de planejamento lógico-discursivo, para Ducrot (1976, p. 90), fundador da Semântica Argumentativa, a argumentação está inscrita na própria língua, uma vez que esta dispõe mecanismos próprios para indicar a orientação argumentativa do enunciado, isto é, “As línguas comportam operadores cuja função é agir sobre um universo de discurso para extrair dele tal ou tais elementos”. A esses operadores, Ducrot denomina-os “operadores argumentativos”. Considerando a tese apresentada por Ducrot de que a argumentação está inscrita na própria língua, podemos afirmar que uma manifestação linguística neutra, sem intenções argumentativas é praticamente improvável, conforme afirma Koch (2008, p. 17)

A interação social se dá por intermédio da língua caracteriza-se fundamentalmente, pela argumentatividade. Com ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente avalia, julga, critica, forma juízos de valor.

De acordo com essa autora, a interação que se dá entre os sujeitos é subsidiada pela argumentatividade, uma vez que constantemente formamos juízos de valor sobre tudo que nos cercam na sociedade e esses juízos são revelados na própria linguagem. Parafraseando Citelli (2007, p. 06), podemos afirmar que a linguagem e persuasão estão unidas como a “pele ao corpo”. Logo, os provérbios são uma, dentre tantas maneiras de argumentar sobre algo, uma vez que seu caráter didático e moralizador contribuem para exercerem essa função argumentativa.

Além de materializarem a argumentação, os elementos linguísticos ativam conceitos presentes na sociedade. Os provérbios deixam transparecer conceitos presentes na sociedade que os gerou. Conceitos estes que permeiam as relações sociais através dos discursos. Orlandi (2009, p. 21) ao tratar sobre discurso, afirma que pela linguagem os indivíduos em sociedade estão em um processo de significação contínuo, a todo o momento significando e fazendo significar. É nesta interação contínua que os efeitos de sentido são produzidos: “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.”

Esses efeitos de sentido que cita a autora são construídos historicamente, o que significa dizer que sua essência é social, uma vez que, ao falarmos de discurso, inevitavelmente falamos de sujeitos em interlocução. Ao definir o que é discurso, Fernandes (2007, p. 19) afirma que discurso “não é língua, nem texto, nem a fala, mas [...] necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material.” Isto porque a materialidade do discurso só é possível através da língua. Os sentidos produzidos pelos discursos vão sendo construídos neste processo contínuo de interação social, de maneira que vão sendo modificados, uma vez que acompanham as transformações sociopolíticas. Deste modo, os discursos são produzidos e difundidos nas práticas discursivas, com as quais o homem interfere no seu meio social.

Afirmar que os discursos se inscrevem e constituem a realidade, implica dizer que eles carregam em sua essência os conflitos que há no meio em que foram produzidos. Discurso e sociedade são conceitos indissociáveis, nesta perspectiva.

Assim, os conflitos e embates sociais são reproduzidos e/ou reafirmados nos discursos. Conforme afirma Brandão (2004, p. 11)

a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. [...]. A linguagem é lugar de conflito ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são históricos-sociais.

Portanto, os sentidos vão sendo construídos e/ou reconstruídos por estarem sempre ligados a aspectos ideológicos, que se manifestam na linguagem através dos discursos. Todo sujeito enuncia a partir de um determinado lugar social e este lugar, por sua vez, conceberá a realidade de tal maneira, de modo que, esse lugar se contrastará com outros lugares, também ideologicamente marcados. Com isto, os discursos que serão produzidos dessas posições sociais serão conflitantes, uma vez que se inscrevem em lugares opostos. Como afirma a autora citada acima, não há linguagem neutra, desprendida de ideologias, logo, a ideologia é inerente ao discurso.

Vale ressaltar que ideologia é concebida, nesta monografia, segundo Fernandes (2007, p. 29) como “uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica. Linguagem e ideologia são vinculadas, esta materializa-se naquela.” Logo, temos a tríade: Ideologia -> discurso -> linguagem, em outras palavras, “a ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto.” (idem, p.21)

Se tomarmos como exemplo a palavra “cruz”, veremos que esta palavra não se apresenta com o mesmo sentido para uma comunidade cristã e para comunidade “pagã”. Logo, os sentidos não estão nas palavras em si, mas na ideologia que as constitui. O sentido contrastante de uma única palavra, “cruz”, se explica pelo fato desta estar ligada a formações discursivas distintas. Consoante com Orlandi (2009, p. 43), “a formação discursiva se define como aquilo que numa conjuntura ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” Deste modo, os discursos só provocam sentidos devido a estarem inseridos numa determinada formação discursiva (FD) e não em outra. Esta, por sua vez, revela a formação ideológica que a integra, a constitui.

O conceito de formação Ideológica, segundo Fiorin (2007, p. 32) deve ser entendido “como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo”. Deste modo, todo efeito de sentido é ideologicamente marcado.

A noção de FD não deve ser compreendida como uma unidade homogênea, pelo contrário. Todo FD é heterogênea, uma vez que esta é constituída de diferentes discursos oriundos de outras FDs provenientes de diferentes lugares sociais. Como observa Orlandi (2009, p. 43-44)

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.

Esta interdiscursividade, segundo a autora, diz respeito a uma característica essencial para a compreensão do funcionamento dos discursos: Todo discurso se caracteriza por sua relação com outros discursos, pois não há um dizer “inérito”, que jamais foi proferido em outro lugar. Todo dizer, em algum momento histórico, já foi dito. Parafraseando Fernandes (2007, p. 51-52), todo discurso é formado por elementos advindos de discursos antecessores ou sucessores, de modo que estes elementos, aliados a outros em determinadas condições sociais, contribuem para a formação de outros discursos.

Deste modo, reiteramos que a linguagem é constitutivamente heterogênea. Com os provérbios, não é diferente. Isto porque, em uma mesma sociedade, é possível encontrarmos provérbios que se contrastam discursivamente. Como dito anteriormente, os provérbios são considerados a “voz” de um povo, discursos reconhecidos como verdade por dada sociedade. No entanto, essa relação não é tão homogênea como aparenta ser. Isto porque para cada provérbio existente, é possível encontrarmos um contraprovérbio. Isto comprova que dentro de uma mesma sociedade há uma série de discursos que se confrontam, de maneira que, não poderíamos considerar os provérbios como “verdade absoluta” de uma

sociedade, no máximo para uma certa coletividade. É o que afirma Possenti (2009, p. 152):

Ora, a existência, na mesma coletividade, de provérbios que se contradizem atesta firmemente a polifonia e heterogeneidade, desde que não sejam entendidas apenas como os vários sentidos de enunciados que ecoam outros, mas, efetivamente, como vozes em confronto, atestando as contradições das próprias coletividades, isto é, sua heterogeneidade

Segundo este autor, os diferentes discursos encontrados nos provérbios não devem ser entendidos apenas como uma polifonia, mas sim como um confronto de vozes que se negam e se afirmam, formando valores ideologicamente marcados. Assim, por serem formados no seio da sociedade, os provérbios carregam a heterogeneidade que a constitui.

Possenti (idem) ainda ressalva outro ponto a ser destacado sobre a discursividade dos provérbios: A presença de determinados elementos linguísticos usados como tema deste gênero atestam para as manobras dos sujeitos (considerado sujeito socio-histórico) na enunciação. Isto porque, dentro de uma mesma sociedade, há grupos específicos que extraem material necessário de suas experiências históricas para a produção de um texto (neste caso, o provérbio), adaptando-o à sua realidade.

Diante disto, reiteramos que a matéria linguística denuncia as formações ideológicas e as condições de produção de um discurso, uma vez que as instâncias ideológicas materializam-se no texto.

1.3. **SOBRE A MEMÓRIA COLETIVA**

Como dissemos anteriormente, ao pensarmos acerca dos provérbios logo os associamos à “voz do povo”, aos dizeres populares. Os dizeres proverbiais não pertencem ao sujeito que o enuncia, mas a uma série de outras vozes que já os enunciaram em outros lugares, em outro tempo histórico que, de uma maneira ou de outra, afeta o momento da enunciação. Isto porque todo discurso é um elo que integra uma cadeia discursiva (Bakhtin, 2003) de modo que, sempre haverá discursos que os antecedem e que os precedem.

Assim, os provérbios só provocam os efeitos de sentidos por serem atravessados por outros discursos, pertencentes a determinadas FDs, que os

constitui. Deste modo, ao lidarmos com o funcionamento discursivo estamos lidando também com a noção de interdiscurso. Brandão (2004, p.91) citando Maingueneau (1984), argumenta que “um discurso nunca seria autônomo: como ele se remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizariam num espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada”.

Com isto, vale ressaltar que o interdiscursivo não está presente apenas entre FDS diferentes, mas dentre uma mesma FD. Brandão (2004, p. 88), consoante com Courtine e Marandin (1981) argumenta que

Uma FD não deve ser entendida como um bloco compacto coeso que se opõe a outras FDs. Pois “uma FD é heterogênea a ela própria” e o seu fechamento é bastante instável, não há um limite rigoroso que separa o seu “interior” do seu “exterior”, uma vez que ela confina com várias outras FDs e as fronteiras entre elas se deslocam conforme os embates da luta ideológica.

Por interdiscurso, temos a seguinte definição proposta por Orlandi (1999, p. 151) “Interdiscurso é o conjunto de dizeres já-ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, que sustentam a possibilidade mesma do dizer”.

Para compreendermos o funcionamento dos provérbios e a sua relevância na representação popular é de fundamental importância associá-los a questões ligadas à memória coletiva. Como se sabe, os provérbios fazem parte do acervo cultural de um determinado país, de modo que permanecem na memória coletiva, sendo transmitidos de pai para filho ao longo das gerações. Assim sendo, a memória coletiva é o que possibilita esse resgate histórico dos provérbios no presente da enunciação.

Segundo Halbwachs (2006), a memória individual é construída sempre a partir da memória coletiva, uma vez que todo sujeito é inscrito no interior de um grupo social. O surgimento de ideias, reflexões que atribuímos a sua origem a nós mesmos, na verdade, são inspirações do grupo do qual fazemos parte. Este coletivo interfere até mesmo na maneira como observamos o mundo ao nosso redor. Assim, as minhas memórias sofrem influências das memórias dos outros, das memórias coletivas e não é preciso que os outros estejam presentes, materialmente falando, para fazermos recordar destas memórias. Na verdade, o homem nunca está só, ainda que materialmente esteja. Isto porque os nossos pensamentos e atos se

explicam por sermos sociais. Nossas memórias remontam todas as nossas experiências já experimentadas em nosso meio. (Halbwachs, p. 42)

A memória coletiva é construída a partir de imagens e ideias dos grupos sociais e das instituições ao quais os sujeitos pertencem, isto é, o social constitui a memória. Como afirma o próprio Halbwachs (idem, p.64), “somos apenas um eco” dentre o meio do qual fazemos parte. Nossas opiniões são inspiradas pelo outro, sem que saibamos disto temos a ilusão que somos a origem do nosso dizer. Tomamos emprestada a voz do outro, que nos constitui, para justificar o “nosso” discurso.

Sobre memória individual, Halbwachs (idem, p.42) faz considerações importantes e denomina-a de “intuição sensível”, como se observa no seguinte trecho:

Assim, na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de *intuição sensível* - para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social (grifos do autor)

Para este autor (idem p. 69), a memória individual, que é construída a partir das experiências no interior do grupo, refere-se a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”, e esta, por sua vez, sofre mudanças dependendo do lugar que o sujeito ocupa nos grupos aos quais pertence e suas relações com outros meios. Os provérbios são o exemplo mais claro disto. Estes gêneros discursivos ocupam um lugar na memória por estarem ligados a experiências vivenciadas outrora. Eles remontam o quadro cultural no qual os falantes se inscrevem, isto é, foram constituídos. A prova disto é que cada povo tem seu próprio conjunto de provérbios que denunciam suas ideologias. É possível que ao ouvir um provérbio chinês, por exemplo, o sujeito logo o identifique como tal devido às características que constitui o gênero, no entanto, este provérbio não significará da mesma forma do que um provérbio pertencente ao país de origem do sujeito.

O peso argumentativo atribuído ao provérbio advém, dentre outras coisas, de um passado presente na memória coletiva de determinada sociedade. Ao ouvir um provérbio, todas as nossas memórias (de enunciações) já ouvidas de nossos pais, de nossos avôs se atualizam em nossa enunciação. Halbwachs (idem, p.) assegura: “para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, como dizíamos, é preciso que as lembranças desses grupos não deixem de ter alguma

relação com os acontecimentos que constituem meu passado”. Por isso, é tão comum ouvirmos a expressão “Como dizia a minha mãe/ avó...”, pois o passado atualiza-se, fazendo-se presente e perpetuando-se no tempo.

1.4. A NOÇÃO DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Toda língua possui em sua gramática determinados elementos lingüísticos que funcionam como operadores argumentativos. Dependendo do foco teórico, podemos encontrá-los nomeados como conectores ou conjunções. Segundo a Gramática Tradicional (GT), as conjunções têm por função unir orações em um mesmo enunciado. De fato, estes elementos realmente unem orações, no entanto, não podemos resumir sua funcionalidade a apenas isto, pois existem outras funções relevantes a serem estudadas, quando se trata de analisar língua (gem).

As relações estabelecidas na/pela linguagem são essencialmente argumentativas, isto porque sempre há objetivos a serem alcançados ao lidarmos com o interlocutor. De modo que, dependendo destes objetivos, elaboramos nossos enunciados de uma maneira ou outra. É neste viés teórico que Ducrot (1987), criador da Semântica Argumentativa, define os operadores argumentativos.

Como dissemos no capítulo anterior, Ducrot (idem, p. 90) denomina estes elementos lingüísticos de operadores argumentativos, pois estes são responsáveis por indicar a direção do argumento para a qual o enunciado está apontado: “as línguas comportam operadores cuja função é agir sobre um universo de discurso para extrair dele tais ou tais elementos”. Assim, o enunciado é marcado por operadores que irão conduzir o interlocutor a chegar a determinadas conclusões, em detrimento de outras. Isto é, consoante com Guimarães, (2007, p. 209)

Um argumento não é algo que indica um fato que seja capaz de levar a uma conclusão. Um argumento é um enunciado que, ao ser dito, por sua significação, leva a uma conclusão [...]. Mais especificamente, argumentar é dar diretividade ao dizer

Plantin (2008, p. 32) complementa: “o estudo da argumentação é o estudo das capacidades projetivas dos enunciados, da expectativa criada por sua enunciação”. Em outras palavras, isto significa dizer que quando um indivíduo produz um enunciado é possível predizer o que ele dirá em seguida, uma vez que, o

operador indica a direção argumentativa deste enunciado. Embora a concepção de argumentação, nesta perspectiva, se dê no nível linguístico, não podemos deixar de observar as suas implicações discursivas. Se, baseado nos postulados teóricos da AD, concebemos o linguístico como materialidade do discurso, acreditamos que os operadores argumentativos são uma “porta de entrada” para o pesquisador observar como os argumentos se apóiam nos discursos para se comprovarem.

Possenti (2009, p. 153) afirma que é legítimo ver nos provérbios “as múltiplas enunciações das quais finalmente resultam, sendo que algumas delas deixaram nesses enunciados marcas extremamente visíveis de processos bastante específicos de produção”. Reiteramos, assim, a importância de observar não apenas em quais discursos os provérbios estão pautados, mas como as marcas linguísticas presentes na estrutura deste gênero revelam as manobras dos sujeitos na instância de enunciação, denunciando uma maneira sutil, embora veemente forte, de argumentar. O autor (idem, p. 141) ainda defende que os problemas formulados por Ducrot podem ter alcances discursivos decisivos. Assim, seria de grande proveito olhá-los a partir da Análise do Discurso (AD)

O funcionamento dos operadores argumentativos está ligado à noção de escala e classe argumentativas. A primeira diz respeito a uma série de argumentos em escalas crescente em direção a uma determinada conclusão. Já classe argumentativa se refere a um conjunto de enunciados de níveis iguais direcionados a uma determinada conclusão. Koch (2007) lista os principais tipos de operadores, apresentados no quadro a seguir:

• Função	• Operador
Em uma escala argumentativa, os operadores indicadores de um argumento mais forte	‘até’, ‘mesmo’, ‘até mesmo’, ‘inclusive’
Operadores pertencentes a uma mesma classe argumentativa, isto é, orientando para a mesma conclusão	‘e’, ‘também’, ‘ainda’, ‘além de’
Operadores conclusivos em relação a enunciados anteriores	‘Portanto’, ‘logo’, ‘pois’, ‘consequentemente’

Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusão diferentes ou opostos	'ou', 'ou então', 'quer...quer', 'seja..seja'
Operadores que introduzem uma explicação/justificativa em relação a enunciados anteriores	'porque', 'que', 'já que', 'pois'
Operadores responsáveis por introduzir no enunciado conteúdos pressuposto	'já', 'ainda', 'agora'
Operadores que introduzem dado argumento deixando subentendida a presença de uma escala com outros argumentos mais fortes	'ao menos', 'pelo menos', 'no mínimo'
Operadores que organizam a hierarquia dos elementos numa escala, apontando o argumento mais forte para uma conclusão R	'mesmo', 'até', 'até mesmo', 'inclusive'
Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias	'mas', 'porém', 'contudo', 'todavia', 'no entanto', 'embora', 'ainda que', 'posto que', 'apesar de (que)'
Operadores que estabelecem uma relação de comparação entre argumentos, direcionados a uma dada conclusão	'mais que', 'menos que', 'tão... como'

Dentre tantos operadores, elegemos as duas últimas categorias (no quadro acima) em especial para a análise, a saber: operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias e operadores que estabelecem uma relação de comparação entre argumentos. Mais precisamente, o operador “mas” e a expressão argumentativa “mais... (do) que”

Pelo viés da Gramática Tradicional, estes elementos linguísticos são considerados apenas como conectores, mais conhecidos como conjunções. Segundo Bechara (2009, p. 319), a expressão “mais... do que” se trata de uma conjunção subordinada comparativa quantitativa de superioridade, na qual o “mais” introduz a oração principal em correlação com a segunda oração. Cunha e Cintra (2007, p. 602), por sua vez, afirmam que esta expressão se trata de uma “conjunção subordinada comparativa”, pois “iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto”.

Já em relação ao “mas”, a GT a considera como uma conjunção coordenativa, diferente da expressão “mais... do que”, considerada subordinada. Para

Bechara (idem, p. 321), o “mas” é uma conjunção adversativa, pois “enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas”. De fato, não podemos negar que os operadores unem orações, no entanto, a função destes elementos extrapola este conceito tradicional, pois esse conceito não abrange a funcionalidade destes elementos. Considerá-los apenas como conectores das orações é subestimar a grandeza argumentativa da própria língua.

Assim, estamos propondo uma análise centrada em uma tríade: análise linguística, argumentação e discurso. Não podemos desconsiderar que os efeitos de sentido têm sua origem na língua, afinal, a língua é a materialidade dos sentidos. É por meio da língua que os sujeitos interagem em sociedade, criando relações nas quais a argumentação subjaz toda prática discursiva. Utilizamos o poder argumentativo da língua para tentar influenciar o interlocutor. Assim, moldamos nossos enunciados para que eles alcancem nossos objetivos argumentativos. As práticas discursivas que estabelecemos com o nosso interlocutor são subsidiadas pela discursividade que envolve todo dizer. Logo, acreditamos que uma análise centrada nesta perspectiva poderá vislumbrar amplamente o processo de funcionamento dos provérbios.

Para Pêcheux (apud. Silveira, 2007, p. 266), a ordem da gramática não é o suficiente para abranger os efeitos de sentido provocados pelo uso da língua. Assim, quando a gramática não consegue abarcar estes múltiplos efeitos, abre-se o espaço para uma nova ordem, a saber: a ordem do discurso. Nesta ordem, a presença da história é fundamental para a compreensão da construção de sentido. Vale ressaltar que Pêcheux não propõe o desligamento total das considerações de ordem gramática, pelo contrário. Este autor observa o plano gramatical limitado, como todo recorte teórico e nestas limitações da gramática é que a ordem do discurso surge para suprir as lacunas. Assim, a ordem da gramática seria uma “porta de entrada” para a observação das materialidades discursivas. A sintaxe deixa, nesta perspectiva, de ocupar um lugar central e passa “trabalhar em equipe” aliando-se à historicidade e exterioridade.

Sendo assim, a sintaxe deixa de ser considerada como uma superfície plana, para ser observada como heterogênea, assim como o discurso o é. A cada manifestação discursiva, a sintaxe é utilizada com “forma de sedução”, sendo a materialidade de múltiplos efeitos de sentido. Silveira (idem, ibidem) reitera:

É na “ordem do discurso” que se luta para que a língua seja considerada elemento essencial, algo que está em pleno funcionamento, inalienavelmente, e só pode ser tomada em suas relações com o social e com o histórico na materialidade discursiva. A meu ver, a ordem do discurso desloca a discussão instalada na ordem gramatical: importa agora, mais do que nunca, observar a superfície e levar em conta o que está no exterior.

Ao observar a sintaxe como superfície do plano discursivo, podemos compreender como os aspectos sociais materializam-se no linguístico, ajudando a construir os efeitos de sentido. Vejamos como esta articulação se dá nos provérbios.

2. ANALISANDO OS PROVÉRBIOS

Para esta análise, selecionamos o total de dez provérbios segmentados em duas categorias: provérbios estruturados com a expressão comparativa “mais... do que” e provérbios com a conjunção “mas”. Observaremos o funcionamento argumentativo desses operadores no interior das estruturas proverbiais e quais as suas implicações em nível do discurso. Assim, temos:

2.1. Provérbios com a expressão comparativa “mais... do que”

P(1) - Mais vale um pássaro na mão do que dois voando

P(2) - Mais vale um burro que me carregue do que um cavalo que me derrube

P(3) - Mais vale um covarde vivo do que um herói morto

P(4) - Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga

P(5) - Mais vale um amigo na praça do que dinheiro no caixa

Os provérbios que apresentam, em sua estrutura linguística, a expressão “Mais vale x do que y” nos instigaram a análise pelo fato desta estrutura denunciar com veemência a escolha de um argumento em relação a outro. Nesta estrutura, há a presença de dois argumentos que estabelecem uma relação de comparação no intuito de levar o interlocutor a uma determinada conclusão (R), conforme Ducrot (1987). Muito embora tenhamos escolhido a expressão “mais vale x do que y”, esta pode aparecer com estruturas semelhantes como “Antes x do que y” e “É melhor x do que y”, como “Antes só do que mal acompanhado” e “É melhor prevenir do que remediar”. Como vemos, os provérbios do bloco 1 são construídos a partir de uma relação comparativa entre dois argumentos. No entanto, a presença da expressão “mais... do que” no início da estrutura proverbial atribui um peso argumentativo decisivo ao enunciado. Deste modo, esta expressão direciona a força argumentativa presente no provérbio.

Este direcionamento argumentativo não se limita à estrutura sintática em si. Direcionar um argumento em relação a outro, em especial nos provérbios, extrapola os limites sintáticos e recorre a questões estritamente discursivas. Afinal, no que implica a presença destes operadores?

Nestes provérbios, observamos que há nos argumentos uma relação de valores, isto é, estabelecida uma relação de vantagens e desvantagens. Chamamos atenção para o P(1), P(2) e P(3). O segundo argumento destes provérbios é invalidado pela característica que os acompanha. Se pensarmos de maneira lógica, o segundo argumento seria mais relevante em relação ao primeiro, ou seja, dois pássaros é melhor do que um; um cavalo é melhor do que um burro e um herói é melhor do que um covarde. No entanto, nas circunstâncias apresentadas pelos provérbios destacados, este argumento perde seu valor. Assim, dois pássaros, por estar “voando” não é vantagem. Antes, é melhor ter apenas um, ao invés de ter dois que não o pertença. O mesmo ocorre com os provérbios 2 e 3: “derrubar” e “morto”, respectivamente anulam o efeito do segundo argumento. Em relação ao P(1), temos o argumento que afirma que é mais sábio garantir o que já está seguro do que arriscar perder tudo por ambição.

Do mesmo modo, ocorre com o P(2). O uso das palavras “burro” e “cavalo” denunciam os juízos de valor da cultura popular. Isto porque culturalmente o burro é um animal desprezado, de pouco valor em relação a outros de espécie semelhantes. Logo, temos a associação deste animal com alguém desmerecido de um valor diante da sociedade. Ao passo que o cavalo, diferente do burro, é um animal provido de certo valor. Algumas espécies deste animal chegam a custar uma fortuna. Assim, a figura do cavalo representa as pessoas valorizadas, que têm *status* social.

Essas representações e associações são fundamentais para compreender as manobras dos sujeitos na elaboração deste gênero. Todos esses valores construídos socialmente são observados pelo povo. As figuras temáticas dos provérbios são metáforas da vida cotidiana que denunciam as ideologias, o modo como dada coletividade observa a realidade que os cerca.

Do modo semelhante ocorre em P(3). Neste provérbio, observamos a negação de um discurso universal: a construção da imagem do herói. Historicamente, construiu-se a imagem do herói como o homem provido de coragem. Audacioso o suficiente para enfrentar os obstáculos, de ir a encontro de seus inimigos, lutando bravamente em busca de seu ideal. Herói é aquele que enfrenta a morte, se for preciso, para defender sua honra. Neste discurso, um homem morrer lutando é digno de méritos e louvor.

No discurso popular, no entanto, esta conclusão não é aceita. Morrer não é

visto como glória, pelo contrário. O argumento contido em P(3) consiste em afirmar que é mais sábio se desviar de situações que possam pôr em risco a vida do que enfrentá-las com o risco de morrer. Diferente do discurso universal, para a cultura popular, colocar a vida em risco propositalmente é tolice. Assim, é mais vantagem ser taxado de covarde, mas estar vivo, do que ser reconhecido como herói, mas estar morto. Deste modo, reiteramos que os provérbios são manifestações dos discursos populares. Por serem essencialmente sociais, revelamos conflitos e embates da sociedade a qual pertence. Ao negar um dado discurso, o provérbio afirma outro marcando, assim, sua posição ideológica.

Se em P(3) há um embate entre o discurso universal e o discurso popular, em P(4) observamos o discurso negando o próprio discurso popular. Isto porque o P(4) é derivado de outro provérbio, a saber: Deus ajuda (a) quem cedo madruga. No provérbio original observa-se que há o discurso religioso aliado ao discurso financeiro. O argumento consiste em afirmar que para Deus ajudar é preciso que o sujeito se esforce, seja trabalhador. Já em P(4) temos a valorização do discurso religioso em sobreposição ao discurso financeiro, no qual, argumenta-se em favor da confiança em Deus. Se Deus não ajudar não adiantará trabalhar, pois a alteração de uma dada conjuntura só será possível se assim Deus permitir, conforme se apregoa no discurso cristão. Em P(5), temos a valorização da amizade. O argumento deste provérbio consiste em afirmar que um amigo é mais importante do que até mesmo o dinheiro.

Diante disto, podemos afirmar que a expressão “mais... do que” presente nos provérbios enfatiza dado argumento, isto é, ressalta um discurso em detrimento de outro. É um confronto de vozes que se negam para o direcionamento de dada conclusão. Ao preferir um discurso ao invés de outro, o sujeito falante tem por objetivo contestar os discursos, no intuito de fazer com que o outro venha aderir à suas ideologias. A presença deste operador associado à palavra “vale”, no início do provérbio, anuncia previamente que o primeiro argumento é mais vantajoso, anulando o segundo.

2.2. Provérbios com o operador “mas”.

P(6) - Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.

P(7) - Deus tarda, mas não falha.

P(8) - Deus dá farinha, mas não amassa o pão.

P(9) - Conta-se o milagre, mas não diz o nome do santo.

P(10) - Uma mãe é pra cem filhos, mas cem filhos não são para uma mãe.

Para explicar o seu funcionamento do operador “mas”, Ducrot utiliza a metáfora da balança: O locutor coloca no prato A um argumento (ou um conjunto deles), em seguida, no prato B acrescenta um argumento contrário, mais forte que se choca com o argumento anterior, fazendo a balança inclinar para esta direção. Vejamos como este jogo de argumentos se dá nos provérbios acima. Em P(6) temos:

A		B
Faça o que eu digo	MAS	Não faça o que eu faço

Utilizando a metáfora proposta por Ducrot, temos no “prato A” o argumento que aponta para a conclusão “Ouça a sabedoria dos meus conselhos”, enquanto no prato B o argumento aponta para a direção oposta, pois equivale à conclusão “Não tenha como exemplo as minhas ações”. Observe que os verbos estão no imperativo, forma esta que ressalta a posição de autoridade diante do interlocutor. Vale ressaltar que este provérbio embora afirme a autoridade dos provérbios, da sabedoria dos conselhos da cultura popular, também revela um discurso “hipócrita”, digamos assim. Isto porque o sujeito se coloca em uma posição de autoridade para aconselhar, mas suas ações nem sempre consistem na prática de seus conselhos.

Em P(7), temos:

A		B
Deus tarda	MAS	(Deus) não falha

Como vemos, o discurso que sustenta o provérbio acima é o discurso religioso, no qual o sujeito deposita sua confiança em Deus. Neste discurso, o papel do sujeito-cristão é esperar pela providência, centrar a sua fé na justiça divina, que é perfeita em contradição com a justiça terrena, que é falha. O argumento no “prato A” aponta para a conclusão: “A providência de Deus demora.” Ao passo que o argumento no “prato B” aponta para a direção oposta levando o interlocutor à conclusão: “Deus não falha, logo, a providência chegará”. Assim, em P(7) comprova a crença na divindade cristã. Nesta formação ideológica, Deus é considerado perfeito e atende às súplicas de seus

“filhos”, ainda que a providência pareça “demorada”. Logo, o argumento B reforça esta fé cristã.

Em P(8), temos:

A		B
Deus dá a farinha	MAS	Não amassa o pão

Do mesmo modo de P(7), temos a recorrência ao discurso religioso. Com os provérbios pautados neste discurso é possível observar o modo como a coletividade reflete sobre questões religiosas, isto é, a posição ideologicamente marcada em relação ao discurso religioso. No “prato A”, temos o argumento que aponta para a conclusão “Deus ajuda o homem a realizar seus objetivos”, ao passo que no “prato B” temos o argumento mais forte que aponta para a conclusão “Não cabe a Deus realizar o milagre sozinho”. Logo, este provérbio argumenta que Deus possibilita o homem para alcançar seus sonhos, mas cabe ao homem esforçar-se, fazer a parte que lhe cabe. Neste provérbio, observa-se a associação entre Deus e os seus “filhos”, ambos unidos para o alcance de determinada benção, no qual há papéis de responsabilidade entre ambos: Confia-se em uma atitude divina e espera-se uma atitude humana. A responsabilidade do sucesso (ou a falta dele) em relação a alguma benção é dividida entre “criador” e “criatura”. Fato este que difere do P(7), no qual o sujeito aguarda apenas por Deus.

Em P(9), temos:

A		B
Conta-se o milagre	MAS	Não se diz o nome do santo.

Observa-se que na construção deste provérbio temos uma associação entre figuras de aspecto religioso (milagre e santo) sustentando a metáfora. O argumento do “prato A” aponta para a seguinte conclusão: “relate algo”, ao passo que o argumento posto no “prato B” aponta para a direção contrária, uma vez que equivale a dizer “Preserve a fonte da informação”. Logo, este provérbio alerta o interlocutor a ser discreto ao divulgar um fato.

Em P(10), temos:

A		B
---	--	---

Uma mãe é para cem filhos MAS cem filhos não é para uma mãe

Para gerar o efeito de sentido desejado, o provérbio é composto por dois enunciados contendo os mesmos elementos linguísticos. No entanto, há uma inversão nos papéis, resultando em dois argumentos distintos. No “prato A”, o locutor utiliza o primeiro argumento que aponta para a conclusão “Uma mãe faz qualquer coisa por seus filhos”, ao passo que o argumento do “prato B” orienta a conclusão “Os filhos nem sempre fazem tudo por sua mãe”. Apoiado no discurso materno, o P(10) argumenta que o amor de uma mãe é capaz de fazer qualquer coisa por seus filhos, no entanto, nem sempre, os filhos sabem retribuir com a mesma intensidade. Logo, neste provérbio há uma reflexão acerca do papel de uma mãe e dos filhos, revelando, deste modo, um olhar para o comportamento humano, característica presente neste gênero discursivo.

Diante disto, observa-se que a presença do operador “mas” nos provérbios, além de levar o interlocutor a chegar a uma dada conclusão, também revela discursos subjacentes, que fundamentam o saber popular. O efeito provocado por este operador envolve argumentos que se encontram no social, revelando-os. A oposição dos argumentos que compõem os provérbios gera efeitos de sentidos no intuito de não apenas ensiná-lo uma “lição de vida”, mas principalmente para persuadi-lo a concordar com dada formação ideológica. O efeito moralizador dos provérbios advém de sua ligação com diversas formações ideológicas que estão no interior da memória coletiva. Ao usar um provérbio, o sujeito evoca esses sentidos, ativando na memória todos os dizeres já ditos, construídos historicamente. Assim, ao lidar com provérbios estamos lidando com efeitos de sentidos construídos ao longo dos séculos no interior de uma sociedade. São dizeres que se cristalizaram, ideologias tão entranhadas na cultura popular que acabaram tornando-se “verdade” para dada coletividade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capazes de problematizar comportamentos e relações sociais, os provérbios é um gênero essencialmente argumentativo. Considerados como “verdades”, este gênero é fruto da sabedoria popular e revelam as ideologias da sociedade a qual pertence. A presente pesquisa nos proporcionou uma rica experiência, pois pudemos vislumbrar amplamente o processo de funcionamento do gênero em questão. Ao atentarmos para a estrutura proverbial, observamos a importância dos operadores argumentativos e como estes mobilizam os discursos que os fundamentam. Vimos que a expressão “mais... do que” coloca em contraste dois argumentos, no qual há a preferência de um em detrimento de outro. Provérbios estruturados a partir dessa expressão colocam o interlocutor diante de duas aparentes possibilidades, no entanto, a expressão referida aliada à palavra “vale” cancela o segundo argumento, deixando o interlocutor com apenas uma possibilidade, sendo esta a direção escolhida pelo falante para influenciar seu interlocutor.

Em relação ao “mas”, observamos que esta conjunção leva o interlocutor a uma direção contrária em relação ao primeiro argumento (Ducrot, 1976). Contrapor argumentos, neste caso, é contrapor discursos que fundamentam os provérbios. Escolher um argumento e não outro consiste em optar por um discurso e negar outro. Aceitar um discurso, por sua vez, acarreta concordar com dada formação ideológica na qual o discurso se inscreve. Assim, a presença dos operadores analisados na presente pesquisa implica em questões de ordem do discurso. As marcas linguísticas (neste caso, os operadores argumentativos) são formas de acesso ao não-dito explicitamente que são justamente as questões discursivas que ali estão materializadas, denunciando os rastros da história que subjaz todo dizer, revelando, atualizando, assim, as experiências vivenciadas outrora através da memória coletiva.

O modo como se organiza o dizer é fundamental para que os provérbios possam atingir o interlocutor de maneira sutil, para que este não se sinta coagido a seguir as “lições de vida”. Em outras palavras, o modo de dizer, especialmente no gênero em questão, é constitutiva de sentido, pois, por meio dela é que temos acesso à ordem do discurso.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: 4.ed. Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, editora digital, 2007.
- DUCROT, Oswald. Linguagem, Metalinguagem e Performativos. In: _____. **O Dizer e o Dito** (Tradução de Eduardo Guimarães). Campinas: Pontes, 1987.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. Ed. São Carlos: Claraluz, 2007
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007a.
- _____. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2007b.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino**: 5 ed. Lucerna, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento: As formas do Discurso**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009a.
- _____. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 8. Ed. Campinas: Pontes, 2009b.
- _____. Os efeitos de leitura na relação discurso/texto. In: VALENTE, André (org.). **Aula de português**. 5. ed. São Paulo: Vozes, 1999.
- PINTO, Ciça Alves. **Livro dos provérbios, ditados, ditos populares e anexins**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- PLANTIN, Christian. **A argumentação**. (Tradução de Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2008.
- POSSENTI, Sírio. Sobre Provérbios e Análise do Discurso. In: **Os Limites do Discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.
- _____. Ducrot e a análise do discurso. In: **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b.
- SANTOS, Mônica Oliveira. **Um comprimido que anda de boca em boca: O sujeito e os sentidos no espaço da enunciação proverbial**. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVEIRA, Verli Fátima Petri. Algumas reflexões sobre discursividade, gramática e sintaxe. In: INDURSKY, Freda, FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**. São Carlos: Claraluz, 2007.

TEIXEIRA, Nelson Carlos. **A Sabedoria Condensada dos Provérbios**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2004.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARANHA, Simone Dália de Gusmão. Provérbios: Ações de Linguagem no dizer popular. **Projeto de Pesquisa** aprovado pelo PIBIC/CNPq/UEPB, 2009.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ARMENGAUD, Françoise. A Pragmática de Terceiro Grau: a teoria dos atos de fala. In: **A Pragmática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 2000. 42. ed. Editora Nacional, SP.

DIAS, L. F. Textualidade e gramática: relações em construção. In: SCHONS, C. R. **Questões de escrita**. Passo Fundo: UPF, 2005a.

_____. Modos de Enunciação e Gêneros Textuais: em busca de um novo olhar sobre gênero de texto. In: FONSECA, M. C. **Em torno da lingua(gem)**: questões e análises. Vitória da Conquista: UESB, 2005b.

ANEXOS

Provérbios do *corpus amplo*.

Mulher

1. Em mulher não se bate nem com uma flor.
2. Em casa que mulher manda até galo canta fino.
3. Mulher de amigo meu pra mim é homem.
4. A casa é das mulheres, a rua é dos homens.
5. Onde tem homem, mulher não trabalha.
6. Mulheres, quando se juntam pra falar da vida alheia, começam na lua nova e acabam na lua cheia.
7. Mulher e chita, cada um acha a sua bonita.
8. Mulher boa é prata que soa.
9. Com dinheiro, fogo e mulher, ninguém brinca.
10. Quem apanha de mulher não se queixa a delegado.
11. Quem casa com mulher feia não tem medo de outro homem.

Prudência

12. As paredes têm ouvidos.
13. Em time que está ganhando não se mexe.
14. O peixe morre pela boca.
15. O seguro morreu de velho.
16. Macaco velho não mete a mão em cumbuca.
17. Formiga sabe a roça que corta.
18. É melhor prevenir do que remediar.
19. Conta-se o milagre, mas não se diz o santo.
20. Nem tudo que reluz é ouro.
21. Quem fala o que quer, ouve o que não quer.
22. Quem guarda sempre tem.
23. Quem tem telhado de vidro não atira pedra no dos outros.
24. Um homem prevenido vale por dois.
25. Em boca fechada não entra mosca.
26. Gato escaldado tem medo de água fria.
27. Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
28. Quem tem rabo de palha não coloca fogo no dos outros.
29. Um homem prudente vale mais que dois valentes.

Aparências

30. Pela capa não se conhece livro.
31. Por fora bela viola por dentro pão bolorento.
32. A roupa não faz o monge.
33. Nem tudo que reluz é ouro.
34. À noite, todo gato é pardo.
35. Quem vê cara não vê coração.
36. As aparências enganam.

37. Coração é terra onde ninguém anda.

Beleza

38. Gaiola bonita não dá de comer a canário.

39. Quem ama o feio bonito lhe parece.

40. A beleza está nos olhos de quem vê.

41. Beleza e formosura nem dão pão nem fartura.

42. Beleza vale riqueza.

43. Beleza e folia trazem boa companhia.

Velhice

44. Panela velha é que faz comida boa.

45. Há sempre um chinelo velho para um pé cansado.

46. Galinha velha faz bom caldo.

47. Para burro velho capim novo.

48. Se queres bom conselho, pede ao velho.

Deus

49. A voz do povo é a voz de Deus.

50. Deus ajuda quem cedo madruga.

51. Deus dá nozes a quem não tem dentes.

52. Deus dá frio conforme o cobertor.

53. Deus tarda, mas não falha.

54. Quando Deus dá farinha o diabo leva o saco.

55. Quem dá aos pobres empresta a Deus.

56. Deus escreve certo por linhas tortas.

57. O muito sem Deus é pouco e o pouco com Deus é muito.

58. Deus é pai, não é padraço.

59. Deus o dá, Deus o leva.

60. Mais tem Deus para dar que o diabo para tirar.

61. Quando Deus fecha uma porta abre uma janela.

62. A César o que é de César, a Deus o que é de Deus.

63. Deus dá farinha, mas não amassa o pão.

Individualidade

64. Cada cabeça, uma sentença.

65. Cada qual sabe onde o sapato aperta.

66. Cada macaco no seu galho.

67. Antes só do que mal acompanhado.

68. Cada qual puxa a brasa pra sua sardinha.

69. Cada um colhe o que planta.

70. Cada leitão com sua teta.

71. Cada louco com a sua mania.

72. Cada um por si e Deus por todos.

73. Cada qual canta como lhe ajuda a garganta.

74. Cada qual com seu igual.

75. Cada qual sabe onde lhe doem os calos.

Justiça

78. Quem com ferro fere com ferro será ferido.

79. Aqui se faz aqui se paga.

80. A justiça tarda, mas não falta.

81. Olho por olho, dente por dente.

82. Um dia é da caça outro é do caçador.

Paciência

83. De grão em grão, a galinha enche o papo.

84. Quem espera sempre alcança.

85. Devagar se vai ao longe.

86. Não bote o carro na frente dos bois.

Sabedoria

87. Quando a cabeça não pensa o corpo padece.

88. Toda brincadeira tem um fundo de verdade.

89. Santo de casa não faz milagre.

90. Mais vale um burro que me carregue do que um cavalo que me derrube

91. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando

92. Quem não pode com o pote não pega na rodilha.

93. Em casa de ferreiro, espeto é de pau.

94. Quem muito fala, muito erra.

95. Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço

96. Quem casa quer casa.

97. Nunca diga desta água não beberei.

98. Diga com quem andas que eu te direi quem tu és.

99. Quem empresta nem pra si presta.

100. Mais vale um covarde vivo do que um herói morto

101. De livro fechado não sai letrado.

102. Palavras loucas, ouvidos moucos.

103. Tudo demais é veneno.

104. Por falta de um grito se perde uma boiada.

105. Águas passadas não movem moinhos.

106. Contra morte não tem reza forte.

107. Vão-se os amores ficam as dores.

108. Pau que nasce torto morre torto.

109. Para todo pé cansado há sempre um chinelo velho.

110. Apressado come cru.

111. Quem conta um ponto aumenta um ponto.

112. A paixão cega a razão.

113. Antes calar que mal falar.

114. Antes causar inveja que dó.

115. Há males que vêm para o bem.

116. Hora de morrer não tem retardo.

117. Nada como um dia após o outro.

118. Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
119. Não faça aos outros aquilo que não queres que te façam.
120. Não há bem que sempre dure, nem mal que sempre se ature.
121. Não há regra sem exceção, nem mulher sem senão.
122. O castigo anda à cavalo.
123. Passinho a passinho se faz muito caminho.
124. Pratica o bem sem olhar a quem.
125. Quem conta com a panela alheia, arrisca-se a ficar sem ceia.
126. Cabeça vazia é oficina do diabo.
127. Pior cego é o que não quer ver.
128. Água e conselho só se dão a quem pede.
129. Não se amarra cachorro com lingüiça.
130. Não te metas a comprar o que não podes pagar.
131. Não é com palha que se apaga o fogo.
132. Quem desdenha quer comprar.
133. Quem não deve não teme.
134. Saco vazio não fica em pé.
135. Se a esmola é grande o santo desconfia.
136. A amar e a rezar ninguém se pode obrigar.
137. Barriga cheia, goiaba tem bicho.
138. Não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.
139. Seja dono da sua boca, para não ser escravo de suas palavras.
140. A mentira tem pernas curtas.

Alerta

141. Quem avisa amigo é.
142. Quem não chora não mama.
143. Quem não arrisca não petisca.
144. Não cutuque a onça com vara curta.
145. Quem diz o que quer ouve o que não quer.
146. Com fogo não se brinca.

Ambição

147. Quem tudo quer tudo perde.

Fortuna

148. O que engorda o boi é o olho do dono.

Esperteza

149. Para bom entendedor meia palavra basta.
150. Quem quer vai, quem não quer manda.
151. Caiu na rede é peixe.
152. Caiu no saco é gato.
153. Quem não arrisca não petisca.
154. Quem não tem cão caça com gato.
155. Quem tira retrato de graça é espelho.

156. Pra bom entendedor, piscada de olho é mandado.

Maternidade

157. Quem meu filho beija minha boca adoça.

158. Pata de galinha não machuca pinto.

159. Uma mãe é pra cem filhos, mas cem filhos não são para uma mãe.

União

160. A união faz a força.

161. Uma andorinha só não faz verão.

162. Uma mão lava a outra.

Gratidão

163. Cavalo dado não se olha os dentes.

Amizade

164. Mais vale um amigo na praça do que dinheiro no caixa.

165. Mais vale um amigo próximo do que parente afastado.

166. Amizade remendada, café requentado.

167. Um amigo diligente é melhor que parente.

168. Amigo disfarçado inimigo dobrado.

169. Amigo que não presta e faca que não corta: que se percam, pouco importa.

170. Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro.

171. Amigos, amigos, negócios a parte.

172. Ao bom amigo, com teu pão e teu vinho.

173. Ao rico mil amigos se deparam ao pobre seus irmãos o desamparam.

174. Aquele que me tira do perigo é meu amigo.

175. Defeitos do meu amigo lamento, mas não maldigo.

176. Muitos conhecidos, poucos amigos.

177. No aperto do perigo, conhece-se o amigo.

178. Quem tem amigos não morre na cadeia.